

Construtor de SONHOS

AJ00523

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

GILDO LOYOLA

DIVULGAÇÃO

Projeto.

No Estado, arquiteto Paulo Mendes da Rocha fala sobre o Cais das Artes

RAFAEL BRAZ
rbraz@redgazeta.com.br

Um dos maiores nomes da arquitetura no Brasil, e o único brasileiro a vencer o prêmio Pritzker (a mais importante premiação da arquitetura mundial), o capixaba Paulo Mendes da Rocha esteve em Vitória ontem para acompanhar as obras do Cais das Artes, projeto assinado por ele.

Com um misto de excitação e orgulho, o arquiteto conversou com o *Caderno 2* sobre o projeto e sobre o papel da arquitetura na cultura mundial.

“Antes de mais nada a arquitetura é um discurso. Através dela você conta histórias de tempos e civilizações passadas. O homem constrói o mundo à sua imagem, e, por isso, possibilita esse estudo”, afirma.

Como estudou e construiu carreira em São Paulo, as lembranças que tem de Vitória datam da infância e adolescência, quando vinha visitar familiares. “Provavelmente estou inventando tudo, pois memória é uma coisa meio delicada”, brinca.

Paulo Mendes da Rocha conta que o fato de ter nascido e convivido em uma cidade litorânea fez com que ele tivesse



SENSIBILIDADE. Para o arquiteto nascido em Vitória, o que mais o animou foi a possibilidade de participar na formação de uma consciência cultural do capixaba

uma visão de mundo diferente da dos colegas paulistanos.

A chegada a São Paulo foi intimidadora, mas ele logo transformou o que o assustava em

uma vantagem. “Achava que, por ter sido criado descalço, à beira-mar, eu não sabia nada. Como o tempo percebi que era o contrário. Eles é que não sabiam nada.

Eram todos uns tolos”, lembra.

“Um camarada que nasceu na Avenida São João, num pequeno apartamento em cima de um comércio, não sabe nada de nada. Não sabe o que é uma canoa ou como é construir coisas na areia da praia. Não tem noção do que é conviver com filhos de pescadores e ir nadando até a Ilha da Andorinhas e, de lá, para a Ilha do Boi passar o dia comendo caranguejo”, completa.

O CAIS DAS ARTES

O que mais animou o arquiteto para o projeto foi a possibilidade de participar na formação de uma consciência cultural do capixaba. Além disso, o desafio da delicadeza e respeito do ambiente e território também chamaram a atenção.



Cais das Artes terá livrarias, museu e teatro

Localizado ao lado da Praça do Papa e previsto para ser entregue no final do ano que vem, o projeto do Cais das Artes contempla um Museu com diversos ambientes que, somados, pos-

suem 3 mil metros quadrados, e um teatro, com capacidade para abrigar 1,3 mil espectadores. A ideia é que o local seja utilizado para espetáculos artísticos de qualidade, incluindo a cidade na rota de eventos nacionais. O complexo ainda contará com cafés, livrarias e espaços para espetáculos cênicos.

Quem é Paulo Mendes da Rocha?

Nascido em Vitória, em 25 de outubro de 1928, Paulo se formou arquiteto e urbanista na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, em 1954. Em 1961, passou a lecionar na Universidade de São Paulo, de onde só saiu em 1998, ano de sua aposentadoria compulsória.

Entre suas obras de maior destaque, pode-se elencar o Estádio Serra Dourada, em Goiânia, o Museu de Arte de Campinas, a intervenção e reforma da Estação da Luz e o projeto do Museu de Língua Portuguesa, e a reforma da Pinacoteca de São Paulo, pela qual foi premiado com o Pritzker em 2006.

Segundo ele, um projeto como esses só é visto em cidades muito adiantadas como as da Holanda, e Veneza, na Itália, locais também muito ligados ao trato das águas. “Em Veneza ocorreu um desfrute econômico territorial sem nenhum critério. Construíram de qualquer maneira apenas para vender. Deve existir um planejamento territorial urbano”, adverte.

Com previsão para ser entregue no terceiro trimestre de 2011, o Cais tem muitas peculiaridades em seu projeto. Ele foi todo desenhado para dialogar com a avenida de um lado e com

o mar do outro, com seus navios e guindastes que já fazem parte do cotidiano do capixaba.

“Não daria para colocar o fosso da orquestra com pianos e instrumentos abaixo do solo, pois as águas estão no subsolo no mesmo nível da maré. Seria um custo altíssimo”, explica. A saída encontrada foi levantar o “fosso” acima do chão. Ainda, com a plateia se desenvolvendo em direção ao mar, os pilares de sustentação foram colocados dentro d’água, possibilitando que o café do teatro fique abaixo do palco, em uma configuração interessante e charmosa.